

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: DO PERÍODO COLONIAL ATÉ OS DIAS ATUAIS

Christiane Rayana Teixeira Silva; Mélitem Brito Azevedo; Polyane Alves Santos.

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, rayteixeira10@hotmail.com

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, melitem@hotmail.com

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, polyttamat@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) trata-se de uma vertente de educação que está permanentemente sofrendo modificações. Por se tratar de uma modalidade de ensino inteiramente complexa, pois engloba dimensões que sobrepõem as questões educacionais. As pessoas jovens e adultas que por várias razões não tiveram oportunidade de frequentar a sala de aula na idade adequada, ela não se refere apenas de uma educação escolarizada, mas acontece também em espaços não formais, tais como, na família, na comunidade, em associações socioculturais e em ordens religiosas, que trabalham com a perspectiva de ampliar os conhecimentos de jovens e adultos. Há anos este tipo de educação foi conceituado como uma alfabetização que se resumia apenas no aprendizado da leitura e escrita.

Percebe-se que continuamente o aluno está à procura nas escolas de um ambiente onde podem alcançar seus objetivos, para a inclusão numa sociedade letrada, da qual não podem fazer parte, pois não ler fluentemente ou não escreve, uma vez que, a língua portuguesa, principalmente, sofre alterações frequentemente.

Porquanto, aos profissionais que estão cotidianamente submetidos a esse tipo de tarefa, ensinar, contribuir e incentivar alunos da EJA, far-se-á refletir com caráter crítico sobre sua prática, como também, a necessidade de uma visão aberta sobre a sala de aula que vai ministrar e sobre a escola que vai futuramente estar trabalhando. Com o intuito de ampliar suas percepções sobre o que realmente é ensinar. Ademais, deve perceber e compreender quais motivos os levaram até à sala de aula, compreendendo que há diferenças entre o saber dos alunos e do professor, onde, a maioria do ensino que esses alunos foram submetidos ao longo da sua jornada é pouco valorizado no mundo atual, no mundo letrado e escolar que vivemos.

Falta de oportunidade escolar na infância, condições socioeconômicas precárias, excesso nas jornadas de trabalho, e principalmente a inserção na sociedade letrada, são

alguns dos vários motivos que levam esses jovens e adultos a recorrerem às salas de aula. Corroborando para a reflexão do perfil dos alunos, bem como do processo histórico dos mesmos dentro da modalidade de ensino para jovens e adultos.

Em contrapartida, a construção de uma educação para jovens e adultos não foi realizada atualmente. Ocorre há décadas. Desde a época da Colonização que se discute sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. De acordo com Haddad e Di Pierro (2000, p. 111), “a ação educativa junto a adolescentes e adultos no Brasil não é nova”.

Naquela época, acreditavam-se que as crianças seriam a nova geração católica e tornariam indivíduos íntegros e multiplicadores do saber no meio em que viviam, por conta disso, elas eram severamente prioridades na questão do trabalho educativo. No entanto, não impossibilitou a instrução de indígenas jovens e adultos. Em evidência disso, vale ressaltar que não há vestígios de alfabetização de mulheres nesse período, independente de qual grupo elas pertenciam (SOARES e GALVÃO, 2004).

Segundo Freire (1996, p.148), “Saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Portanto, percebe-se que quando se trata de ensinamento, é preciso relacionar principalmente com o seu autodesenvolvimento, e não somente com o que foi repassado de informação.

Logo, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre os métodos que eram empregados na educação de jovens e adultos no passado até os dias atuais, com o intuito de proporcionar uma reflexão sobre novos passos a serem tomados no presente e no futuro da educação dos brasileiros jovens e adultos.

METODOLOGIA

Para a elaboração do estudo recorreremos à exploração de artigos, jornais e livros publicados sobre a temática através de uma pesquisa bibliográfica, buscando estabelecer equivalências e realizar comparações.

A princípio, é abordado o histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, a trajetória até os dias atuais, onde delimitamos os períodos da história que destacamos como os principais.

Como também, enfatizaremos as teorias e as práticas do grande Pedagogo brasileiro Paulo Freire, que dedicou a sua vida a educação popular, e é referencial para a EJA.

Para tanto, salienta-se que há o enfoque da EJA que assume na atualidade, junto ao Ministério da Educação e à alfabetização de jovens e adultos. Sem grandes pormenores, o trabalho que será apresentado a seguir, não pretende mostrar toda a história da EJA, mas de enfatizar-se em períodos historiográficos significativos que nos possibilitará a ter uma visão ampla em relação ao desenvolvimento e das suas consequências atualmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação no Brasil era caracterizada por ser um método seletivo e altamente elitista até a Primeira República. Se observarmos como era a educação no país, percebemos que houve um direcionamento específico para quem deveria aprender a ler e escrever na época. Mas, como já mencionado, indígenas jovens e adultos também foram submetidos a ações culturais e educacionais, portanto:

A Companhia Missionária de Jesus tinha a função básica de catequizar (iniciação à fé) e alfabetizar na língua portuguesa os indígenas que viviam na colônia brasileira. Com a saída dos jesuítas do Brasil em 1759, a educação de adultos entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império a organização e emprego da educação. A identidade da educação brasileira foi sendo marcada então, pelo elitismo que restringia a educação às classes mais abastadas. As aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos dos colonizadores portugueses (brancos e masculinos), excluindo-se assim as populações negras e indígenas. Dessa forma, a história da educação brasileira foi sendo demarcada por uma situação peculiar que era o conhecimento formal monopolizado pelas classes dominantes (STRELHOW, 2010, p. 51).

Percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos era baseada num princípio missionário e caridoso. “Era preciso ‘iluminar’ as mentes que viviam nas trevas da ignorância para que houvesse progresso” (STEPHANOU; BASTOS (orgs), 2005, p. 261).

Contudo, no começo do século XX com o desenvolvimento industrial é possível perceber uma lenta valorização da EJA. Foi criado um movimento contra o analfabetismo, denominada de Liga Brasileira. A década de 20 foi marcada por grandes mudanças no âmbito econômico e na educação, como, o surgimento dos ideais da Escola Nova e as ações voltadas para a Pedagogia de Paulo Freire envolvendo os movimentos sociais.

Mais precisamente, a partir da década de 40 e favorecendo para o desenvolvimento na década de 50, a EJA voltou para a lista de prioridades do país. Planos e movimentos demarcaram fortemente esta época, como, a criação do Plano Nacional de Educação, o qual pretendia inserir o ensino primário integral e gratuito no Brasil, sendo oferecido também para as pessoas adultas; do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP); o Fundo Nacional do Ensino Primário, que tinha como objetivo expandir programas de Ensino Supletivo para jovens e adultos. Houve também a criação do Serviço de Educação de Adultos (SEA); Primeira Campanha Nacional de Alfabetização; Campanha Nacional Rural (CNER); Movimento de Educação de Base; Movimento de Cultura Popular do Recife; Centros Populares de Cultura e a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende. Vale ressaltar que todos os movimentos supracitados

influenciaram diretamente às ideias pedagógicas de Paulo Freire, sendo indicado para elaborar o Plano Nacional de alfabetização com o Ministério da Educação, porém, com o golpe militar o trabalho de Freire foi visto como ameaça ao regime militar; e assim a EJA voltou a ser controlada pelo governo.

Em contrapartida, em 1967, o governo militar criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), possuindo o objetivo de alfabetizar e proporcionar uma educação continuada. O MOBRAL procurava recompor a ideia de que os indivíduos que não sabiam ler e escrever eram responsáveis por suas situações de analfabetismo; e por consequência dessa situação corroboravam para o subdesenvolvimento do país. Todavia, em 1985 o MOBRAL foi extinto sendo marcado por denúncias de desvios de recursos e outros fatores. Salienta-se que a maioria das pessoas que alfabetizaram pelo MOBRAL acabaram desaprendendo a ler e escrever.

Assim, com a Constituição modificada em 1988, a qual prevê que todas as pessoas deverão ter acesso à educação, foi reforçada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. O reconhecimento da EJA como uma modalidade de ensino básico se teve através da resolução CNB/CEB nº 1, de julho de 2000, estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Ademais, é dever do poder público oferecer este tipo de educação de forma gratuita tanto no ensino fundamental como no médio, porém, em ambos têm as suas especificidades próprias.

Com o fim do MOBRAL em 1985, ganha lugar a Fundação Educar, que estava vinculada especificamente ao Ministério da Educação. Tendo o propósito de acompanhar e monitorar com a ajuda das constituições e secretarias os investimentos transferidos para a realização de seus programas. Apesar disso, em 1990 a Fundação Educar também foi extinta e não foi substituída por outro projeto.

Na década de 1990 e 2000 surgiram outros programas relacionados a educação básica no Brasil, como, o Movimento de Alfabetização (Mova), criado por Paulo Freire, que tem como finalidade a redução do analfabetismo, gerando assim, trabalho e renda, corroborando para o desenvolvimento da EJA no Brasil. Em 1996, surge outro programa nacional de alfabetização pelo governo federal, o Programa Alfabetização Solidária (PAS), sendo duramente criticado:

Além de se tratar de um programa aligeirado, com alfabetizadores semipreparados, reforçando a ideia de que qualquer um sabe ensinar, tinha como um de seus pressupostos a relação de submissão entre o Norte-Nordeste (subdesenvolvido) e o Sul-Sudeste (desenvolvido). Além disso, com a permanente campanha 'Adote um Analfabeto', o PAS contribuiu para reforçar a imagem que se faz de quem não sabe ler e escrever como uma pessoa incapaz, passível de adoção, de ajuda, de uma ação assistencialista (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 272).

Outro projeto que surgiu foi o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), em 1998, ligado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), universidades e a movimentos sociais, com o intuito de instruir às

populações localizadas nas áreas de assentamento. Já em 2003, o governo federal criou o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), com o objetivo de minimizar as taxas de analfabetismo na população acima dos 15 anos de idade, sendo estruturado em um curso de 8 meses, com 320 horas de aulas.

E assim chegamos no século XXI, com um alto déficit na leitura, escrita e nas operações matemáticas básicas. Portanto:

Quase 20 milhões de analfabetos considerados absolutos e passam de 30 milhões os considerados analfabetos funcionais, que chegaram a frequentar uma escola, mas por falta de uso de leitura e da escrita, tornaram à posição anterior. Chega, ainda, à casa dos 70 milhões os brasileiros acima dos 15 anos que não atingiram o nível mínimo de escolarização obrigatório pela constituição, ou seja, o ensino fundamental. Somam-se a esses os neo analfabetos que, mesmo frequentando a escola, não conseguem atingir o domínio da leitura e da escrita (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 273).

Para Freire a educação teria o papel de libertar os sujeitos de uma consciência ingênua, herança de uma sociedade repressora, transformando-a em consciência crítica, onde se deve valorizar o analfabeto, como alguém capaz de produzir conhecimentos.

A educação passa a ter sentido ao ser humano porque o seu existir se caracteriza como possibilidade histórica de mudanças. “Somos ou nos tornamos educáveis porque, ao lado da constatação de experiências negadoras da liberdade, verificamos também ser possível a luta pela liberdade e pela autonomia contra a opressão e o arbítrio” (FREIRE, 2000, p.121).

CONCLUSÕES

A referida pesquisa bibliográfica mostra que a educação de jovens e adultos sofreu e ainda sofre alterações constantemente. Todos os projetos e planos criados ao longo da história da educação brasileira tinha como principal objetivo erradicar o analfabetismo no Brasil, entretanto, fatores externos influenciaram para o insucesso de grande parte dos projetos antigamente, onde vários foram extintos ou trocados por outros.

É notório no cenário atual que a sociedade está incessantemente sofrendo avanços, principalmente no campo tecnológico. O que acaba dificultando ainda mais a inserção de jovens e adultos não letrados à sociedade moderna. Com seu público específico trazendo sequelas de experiências frustradas ao longo da vida, o adulto chega à EJA com uma bagagem diversificada de vários tipos de problemas que os impossibilitaram de serem alfabetizados na idade adequada

Isso posto, a EJA é hoje uma grande ferramenta para erradicar o analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. Além de proporcionar o aprendizado necessário para o dia a dia, também está diretamente ligada à formação de sujeitos aptos a lidar com as

exigências do mundo moderno, a fim de tornarem trabalhadores qualificados ao mundo do trabalho.

Outro fator importante é do corpo docente das instituições de ensino que são ofertadas esta modalidade de ensino. Práticas pedagógicas diversificadas seriam um bom método para executar em salas de aulas. No qual o formador ampliaria sua forma de ensinar, procurando não apenas ensinar a ler e escrever, limitado apenas a livros didáticos e a forma técnica, mas com a intensão de formar indivíduos letrados para as exigências que serão submetidos, proporcionando a cidadãos autônomos e aptos para o mercado de trabalho, com o intuito de sanar ainda mais o analfabetismo no país. Portanto, a EJA é muito importante para a sociedade brasileira, mas também é preciso que deem a ela a importância necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.148.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Ed. 31. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 121.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil.** In: ALBUQUERQUE, E. B.; LEAL, T.F. A alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos.** In: Revista Brasileira de Educação, mai-jun-jul-ago, n.14, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, São Paulo. p.108-130, 2000.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil.** 2005. p. 260-273.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil.** In: Revista HISTEDBR On-line. N.38, Campinas, São Paulo, 2010. Disponível em: < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em: 04 de setembro de 2017.